

# esportes

## GNU ainda luta pela recuperação da Ilha do Pavão

Um ano depois da enchente histórica, investimento para recuperar uma das sedes do clube ultrapassa R\$ 1 milhão



Arthur Reckziegel e Cássio Fonseca  
esportes@jornaldocomercio.com.br

Cinco metros e trinta e sete centímetros. Essa foi a altura em que água chegou nas imediações da sede da Ilha do Pavão do Grêmio Náutico União (GNU) durante as enchentes de 2024. A estrutura, que desde a primeira metade da década de 1950, é uma segunda casa para seus atletas e um refúgio para os associados que buscam tranquilidade em um local afastado do frenesi de Porto Alegre, tornou-se irreconhecível e quase invisível aos olhos distantes da Capital em maio.

As enchentes não são exatamente uma novidade para a sede do clube. Por óbvio, estando à beira do Jacuí, o local é um dos pri-

meiros a ser atingido em caso de elevação dos rios. “A água chegar na altura dos joelhos é algo que acontece uma vez ou outra, agora, cobrir todo o primeiro andar e quase chegar no segundo era algo inimaginável”, relata o coordenador técnico da equipe de Remo do GNU, Marcelos Marsilli.

De acordo com o subgerente operacional da sede na Ilha do Pavão, Ralf Gutschwager, a parte mais prejudicada foi a do Norte da Ilha, onde estão as trilhas ecológicas. A previsão para que toda sede esteja liberada ao público é a primavera deste ano. “Até o momento, na recuperação da sede, os investimentos já ultrapassaram R\$ 1 milhão”, mensura.

As cicatrizes que marcaram presença no local não eram apenas na estrutura. Houve diversas no âmbito desportivo. “Tivemos uma grande baixa na equipe de Remo, perdemos em torno de 40% do nosso core de atletas” recorda Marsilli.

Entre os atletas do clube que ajudaram nos resgates, estava Daniel Vasconcellos Lima, remador

sênior que desistiu do Pré-Olímpico para estar em sua terra no momento de dificuldade. “Foi um momento em que eu deixei meu desempenho no esporte de lado, estava preocupado em ajudar. Com certeza, existe aquele medo de viver tudo aquilo de novo. É difícil imaginar que estamos 100% seguros”, desabafa o jovem.

Mas não foi só de reconstrução que o União viveu a enchente. No total, o clube tem quatro sedes e, nos outros pontos, recebeu desabrigados e foi ponto de referência no enfrentamento às cheias na Capital. O presidente, Ricardo Alves, à época diretor-secretário e vice-presidente de esportes, relembra o contato do prefeito, Sebastião Melo, com o então mandatário do GNU, Paulo Bing, às 7h do dia 4 de maio, para solicitar o apoio no recebimento dos resgatados.

“Às 7h20min, o Bing me liga e imediatamente nos deslocamos para a sede Moinhos de Vento. Às 10h daquele sábado já estávamos recebendo o pessoal. De tarde tinha filas e filas de carros na frente, levando doações. E um monte de



Volume da água ultrapassou os 5 m e devastou a sede da Ilha do Pavão

associados, voluntários, médicos, dentistas e veterinários se colocando à disposição”, conta Alves. No total, foram 34 dias de funcionamento como abrigo e cerca de 300 pessoas recebidas no local. A atuação náutica também é destacada: “temos um catamarã e duas barcas que fizemos, ao longo dos dias, mais de mil salvamentos”.

As doações, após os primeiros dias foram direcionadas à sede Alto Petrópolis. O volunta-

riado para produção de marmitas atingiu a média de 3.400 porções ao dia, entre café da manhã, almoço e janta. Já a quarta sede, União Petrópole, recebeu as famílias dos funcionários do próprio clube que também foram atingidas. Alves também fala sobre a cicatriz emocional deixada pela enchente, e alega que alguns funcionários pediram para serem realocados da Ilha do Pavão, por conta da experiência traumática.

## Sogipa transforma valores do esporte em ação humanitária durante enchente

Rudá Neis  
rudan@jcrs.com.br

A magnitude que a enchente de 2024 chegaria era inimaginável. Aqueles que perderam casas, móveis, carros e seus animais de estimação, pela rápida elevação da água, enquanto chegavam aos abrigos voluntários, colocavam um pé no recomeço. É este elo entre quem se disponibilizou para ajudar e quem precisava ser ajuda-

do, que a Sociedade de Ginástica de Porto Alegre (Sogipa) se tornou um dos pontos principais de acolhimento durante 35 dias na maior tragédia climática do Rio Grande do Sul.

“Recebi a ligação do prefeito Sebastião Melo no dia 4 de maio, dizendo que precisava dos ginásios para abrigar atingidos. Cedemos prontamente”, recorda-se o presidente do clube, Adílio Schneider Finger.

Deste momento em diante, iniciou-se um protocolo rápido para preparar o ginásio principal - que depois se somaria aos outros dois. E com a ideia da prefeitura de assumir o controle do abrigo frustrada pela rápida velocidade que aconteciam os fatos, os próprios funcionários do clube se dividiram nos afazeres.

“Em decorrência de pessoas que tinham conhecimento em certas áreas que se deu a divisão de tarefas. Os primeiros dias foram de muita tensão”, conta o presidente.

Nas primeiras noites, 480 pessoas foram abrigadas. Ao longo dos 35 dias de funcionamento, foram distribuídas mais de 2 mil refeições, aproximadamente 100 animais situavam-se em canis e gatis e ocorriam mais adaptações nos espaços.

Foi disponibilizado pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), às pessoas que passaram a viver nos abrigados, profissionais das áreas da saúde durante o dia. Outra ação tomada foi a de entreter as pessoas com peças de teatro para crianças e rodas de pagode.

A Sogipa é uma sociedade es-

portiva na qual milhares de atletas profissionais de alto rendimento, alunos e associados desfrutaram das dependências do clube. No período, no entanto, os ginásios, academia, vestiários e até mesmo a pista de atletismo, ficaram à disposição do voluntariado, cessando a possibilidade dos sócios usufruírem do local e restringindo a preparação dos atletas.

Dentre estes, está o ginasta de salto em distância, Samory Uiki. Natural de Porto Alegre, ele deixou a preparação de lado e participou durante 25 dias de maneira incessante de voluntariado na Sogipa e em outros locais de acolhimento.

“Para mim foi um movimento natural. Não tinha a menor possibilidade de continuar vivendo minha vida normalmente com a cidade inteira em estado de emergência, com alguns membros da minha própria família, inclusive meu pai, ficando desabrigados”, relembra Samory.

Com a paralisação dos treinos, a preparação visando competições ficou em segundo plano. Para o ginasta, a interrupção foi prejudicial. “Com certeza meu desempenho foi prejudicado pela falta de treinos. Viajei para São

Paulo visando retomar minha rotina de treinos e competir para tentar fazer o índice para as Olimpíadas, mas não obtive sucesso”, relembra.

Com a utilização dos espaços do clube restringida, os mais de 11 mil sócios não tiveram suas mensalidades cobradas no período. Houve, também, uma perda de 12% no número de associados. Os funcionários tiveram o 13º salário adiantado e, quem foi atingido diretamente, recebeu auxílio monetário e ajuda psicológica paga pela Sogipa durante um ano.

Com a amenização do cenário, o retorno à normalidade foi acontecendo gradativamente. Nos últimos dias de abrigo, a prefeitura tomou conta da administração para fornecer um local digno para as pessoas e animais permanecerem. Enquanto a própria Sogipa, juntamente, retomava o funcionamento dos treinos, aulas e espaços de lazer.

“Os ensinamentos do esporte nos ajudaram a sair mais fortes. Essa força levou a Sogipa até essa grandeza de doar espontaneamente sem pensar em retorno nenhum”, resume o residente do clube.



Ao longo de 35 dias, o clube distribuiu mais de 2 mil refeições